

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Flávia da Silva Nascimento

NEGRO. CABEÇA, TRONCO, MEMBRO E SUAS HISTÓRIAS.

Juiz de Fora - MG

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

NASCIMENTO, Flávia da Silva .
NEGRO. CABEÇA, TRONCO, MEMBRO E SUAS HISTÓRIAS. /
Flávia da Silva NASCIMENTO. – 2017.
50 f.

Orientador: Perses Maria Canellas da CUNHA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.
Especialização em História da África, 2017.

1. África. 2. Estética Negra. 3. Empoderamento. 4. Literatura Infantil. I. CUNHA, Perses Maria Canellas da, orient. II. Título.

FLÁVIA DA SILVA NASCIMENTO

NEGRO. CABEÇA, TRONCO, MEMBRO E SUAS HISTÓRIAS.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Me. Perses Maria Canellas da Cumha

Juiz de Fora - MG

2017

Dedico este trabalho aos amigos, que muito colaboraram para sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares por compreenderem minha ausência em momentos de estudo, aos meus colegas de curso que se mostraram grandes companheiros nesta jornada e aos meus professores que me proporcionaram grandes momentos de aprendizagem.

RESUMO

Todo preconceito é oriundo do não conhecer.

Durante séculos o passado do povo negro vindo da África lhes foi negado assim como também foi negada sua cultura. O negro foi descreditado em sua essência e teve seu corpo coletivo e individual diminuído, ridicularizado e até animalizado resultando em um rastro de preconceitos. O projeto “Negro. Cabeça, tronco, membros e suas histórias tem por objetivo recontar as histórias fora do contexto eurocêntrico tendo títulos da literatura infantil como fio condutor para um processo de construção de uma auto-estima privilegiando a estética negra e promovendo entre os alunos o empoderamento.

Palavras-chave: África, Estética Negra, Empoderamento, Literatura Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	8
2 O PROJETO -----	15
3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO -----	21
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS- -----	28
5 PORTFÓLIO -----	30

1. INTRODUÇÃO

Todo preconceito é oriundo do não conhecer. O negro chegou ao Brasil escravizado aos milhões e foi impossibilitado de contar suas histórias, de falar de suas crenças e tradições. Foi obrigado a se negar por completo.

	Espanha / Uruguai	Portugal / Brasil	Grã Bretanha	países Baixos	EUA	França	Dinamarca / Báltico	Totais
1501-1525	6,363	7.000	0	0	0	0	0	13.363
1526-1550	25 375	25,387	0	0	0	0	0	50 762
1551-1575	28.167	31.089	1,685	0	0	66	0	61 007
1576-1600	60.056	90.715	237	1.365	0	0	0	152.373
1601-1625	83.496	267 519	0	1.829	0	0	0	352.844
1626-1650	44.313	201.609	33.695	31.729	824	1.827	1.053	315.050
1651-1675	12 601	244,793	122.367	100 526	0	7 125	653	488.065
1676-1700	5,860	297,272	272.200	85.847	3,327	29.484	25 685	719 675
1701-1725	0	474 447	410 597	73.816	3,277	120.939	5.833	1.088.909
1726-1750	0	536 696	554 042	83.095	34.004	259 095	4,793	1.471.725
1751-1775	4.239	528.693	832,047	132.330	84.580	325.918	17.508	1.925.315
1776-1800	6,415	673.167	748.612	40.773	67 443	433 061	39.199	2.008.670
1801-1825	168.087	1.160.601	283 959	2,669	109.545	135.815	16.316	1.876.992
1826-1850	400.728	1,299,969	0	357	1.850	68.074	0	1.770.978
1851-1875	215.824	9,309	0	0	476	0	0	225.609
Totais	1.061.524	5,848,266	3,259,441	554 336	305 326	1.381.404	111 040	12,521,337

www.slavevoyage.org-base de dados

Embora a base de dados transatlântica do comércio de escravos inclua todas as viagens de escravos que foram documentadas até agora, não pode pretender ser completa. Registros de muitas viagens desapareceram em alguns casos, irremediavelmente, enquanto outros documentos ainda estão a ser descobertos em arquivos públicos e privados. A estimativa por outro lado fornecem uma suposição educada de quão grande o comércio de escravos realmente era.

No total das estimativas são cerca de 25% maiores do que os números não ajustados na base de dados principal. Eles levam o total final para mais de 12.500 africanos forçados a empreender a passagem do médio e cerca de 10.700 que completou, a maior migração forçada na história moderna.(www.slavevoyage.org-base de dados)

Pensadores europeus trataram de traçar um perfil biológico das raças partindo do princípio de que brancos estavam mais próximos da pureza e perfeição. Sendo assim, a imagem física do negro foi inferiorizada, ridicularizada e até mesmo animalizada com embasamento científico, dando origem a uma série de preconceitos quanto ao seu cabelo, seu corpo e sua cultura.

Segundo Silveira (1999), o racismo científico surgiu nos meados do século XVIII onde aristocratas tentavam comprovar sua superioridade baseando-se na tese do historiador Henry de Boulainvilliers que falava da ordem natural ditada pela qualidade superior do sangue. O sangue “claro e puro” seriam pertencentes à nobreza enquanto que o da plebe seria dado como “vil e abjeto”. No final do século XIX, Arthur de Gobineau, um conde português de família decadente, porém muito influente, retoma as teses de Boulainvilliers afirmando que uma raça superior seria aquela capaz de conquistar e sobrepujar a outra.

Lapouge, Antropólogo e teórico da eugenia francesa, no mesmo século defendeu a ideia do Darwinismo Social com sua “antropossociologia” que pregava a dominação universal das minorias. (Silveira)

Durante muito tempo, tudo que se soube dos povos de África foram histórias distorcidas repletas de preconceitos que levaram o mundo a “saber” de um povo inferior com crenças demoníacas e uma cultura menor.

A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história [...].
[...] A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Chimamanda Ngozi Adichie.

Todo esse passado histórico resultou em uma trilha de ódio e discriminação que desembocou nos dias de hoje. Segundo o IBGE, a população parda juntamente com a população negra superou o número de pessoas brancas, mas este fato não faz com que práticas racistas deixem de ocorrer no Brasil. Isto porque o racismo está incorporado em nossa cultura ainda que de forma velada. No ano de 2013 foi sancionada no Brasil pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, a lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino de História da África em escolas públicas e particulares do país. Resultado das articulações do MNU, a lei foi criada para corrigir séculos de falhas em uma história contada somente do ponto de vista europeu resultando na diminuição do povo negro e sua cultura.

Distribuição da população residente por cor ou raça (%) - Brasil - 2004/2014



Art. 1º A lei número 9394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B.

Art. 26- A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro- Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o capítulo deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a construção do povo negro na área social econômica e políticas pertinentes a História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes a História e Cultura Afro- Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial na áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira¹.

A lei 10639/03 gerou documentos e políticas públicas ao longo dos anos, dentre eles o documento Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação das Relações Étnico- raciais e para Ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Africana.

¹ www.eticoracial.mec.gov.br/imagens/pdf/lei_10639_090/2003.pdf

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História afirma que tal disciplina é importante para a formação do indivíduo, por esta razão é preciso estar atento às ideologias embutidas nas teses no passar dos tempos.

A democracia racial foi uma tese incluída nos livros didáticos na década de 30 no Brasil. O ensino de História de posse desse discurso falava de uma tríade racial que resultou na formação do povo brasileiro mostrando o negro, parte dessa tríade, como passivo diante da escravidão no país sem levar em conta seu histórico de resistência à invasão europeia aos países africanos.

O CNE/CP nas Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação das Relações Étnico-raciais e para Ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Africana, prevê a necessidade de se criar políticas de reparação voltada para educação dos negros. Tais diretrizes pretendem desfazer o nó da teoria da Democracia Racial onde os negros seriam culpabilizados por não atingirem metas mais elaboradas por uma simples questão de incompetência.

O projeto “Negro. Cabeça, tronco, membros e suas histórias”, em consonância com tais diretrizes pretende através da literatura infantil, suscitar nos discente a valorização da estética negra combatendo assim, aspectos do racismo e promovendo a autoestima dentro e fora do ambiente escolar. Consta no documento em questão que o reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.

Com intuito de fazer cumprir e implementar a lei 10639, o Projeto literário “Negro. Cabeça tronco, membros e suas histórias”, pretende através da literatura infantil passear pelo universo negro sem as lentes do preconceito, suscitando assim, nos estudantes, orgulho e empoderamento

Por que a literatura? Nas palavras de Candido (2002, p. 77), “A literatura possui a capacidade de confirmar a humanidade do homem.” Em nossas experiências como professora pudemos constatar que a literatura pode torna-se um bom fio condutor se atentarmos para a intencionalidade ao se trabalhar com ela. Segundo Candido (2002, p.80), o ser humano, estando em qualquer etapa de sua vida, ocupando qualquer classe socioeconômica, precisa da fantasia, e a literatura cumpre esta função.

Certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção

e ficção desta se baseia numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida [...]. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os contos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de civilização, tudo isto culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, folheto, o jornal, a revista: poema, conto, romance, narrativa romanceada.

Diana Corso e Mário Corso (2006, p.303), afirmam que as histórias por si somente não garantem a felicidade e o sucesso na vida da criança, mas podem atuar como metáforas para exemplificar vários modos de se pensar e ver a realidade.

Não só a criança, mas todos nós temos a necessidade da fantasia, de se enxergar no outro, de catarse para elaborarmos melhor nossos conflitos e impressões internas. Quando nos propusemos a trabalhar com literatura, tínhamos em mente todas essas possibilidades e sabíamos do potencial de uma história bem escrita e contada. Uma história, um conto, uma lenda, nunca estão isentos de signos que se remetem à realidade, em contrapartida estão cobertos por uma fantasia capaz de conquistar a atenção de quem entra em contato com eles (Candido 2002). Sendo assim, concluímos que usar a literatura para falar de estética negra para crianças seja um excelente meio.

Candido (2002, p. 82), cita em seu texto que segundo Bachelard, o devaneio se incorpora à imaginação poética, o que segundo Candido serve para exemplificar de forma mais profunda os laços entre imaginação literária e realidade concreta do mundo.

E quando nos referimos a este potencial sabemos que ele pode e foi usado para construir uma visão negativa da cultura e da estética negra durante anos.

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...]

A respeito desses dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da

própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. No âmbito da instrução escolar o livro chega a gerar conflitos, porque o seu efeito transcende as normas estabelecidas. (“O direito à literatura”. In: LIMA, Aldo de (org.). O direito à literatura. Recife: UFPE, 2012. Pp. 17 -40)

E por que a estética negra?

O corpo como registro

Podemos abordar o corpo sob dois aspectos. Um seria o corpo coletivo, integrado e que dá sentido à própria noção de identidade. O outro seria o corpo dos indivíduos, mulheres e homens, que acumula registros das vivências e – por que não dizer? – das agruras de experiências proporcionadas pela subalternização histórica. (Inocêncio 2006).



In Claro (2012, p.85)

Consideramos o corpo nosso instrumento de luta. Nele está impressa todas as nossas bandeiras, posturas diante da vida e crenças.

Foi o corpo do negro o primeiro aspecto a ser atacado para a construção de um racismo elaborado e instituído. E porque o corpo é a bandeira, é o primeiro a ser negado quando se pensa (equivocadamente) em naturalizar o processo de embranquecimento.



In Claro (2012, p. 117)

Claro (2012, p.82) narra que ao final do século XIII o europeu com bases nas escrituras da Bíblia atribuiu a cor de pele negra a imagem do mau e representou o demônio como um etíope negro de cabelo carapinha. Some séculos

de propagação de uma imagem demoníaca, feia, grotesca a veículos de comunicação em massa com seus programas de estrelas brancas, histórias em livros de literatura onde os heróis em sua grande maioria são brancos e até mesmo os livros didáticos impondo um padrão de beleza onde o aceitável é ser branco e teremos escolas repletas de crianças que escondem e negam suas origens. Diante deste cenário a escola precisa se posicionar e trabalhar as questões étnico raciais já que esse espaço se torna receptáculo dos impactos dessa realidade social.

África como lugar de criaturas monstruosas. Acreditava-se que eram uma raça de acéfalos que tinham olhos e boca no peito. Segundo os registros esses seres monstruosos no continente africano. Claro (20012, p. 84).

No contexto da nossa sociedade, onde o imaginário de África é extremamente deturpado, é preciso pensar o que isso representa na nossa sociedade é construída e, sobretudo, na busca de valorização dessas heranças, para também percebermos que África faz parte da humanidade. Thomas (2016).

2. O PROJETO

O projeto é destinado à turmas do primeiro seguimento do Ensino Fundamental e tem como base a lei de número 10639/03 que prevê o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana e tem a duração de onze semanas sendo uma semana pra cada livro que será lido sempre pelo professor, seguido de oficinas literárias. As oficinas em sua maioria, produzirão material artístico que deverão ser recolhidos para uma posterior montagem de um mural. O projeto conta ainda com uma canção do grupo Palavra cantada intitulada África (Sandra Peres e Paulo Tatiti 2006) pertencente ao CD Pé com Pé. O papel da canção em questão neste projeto é o de introduzir o assunto África de forma atrativa e lúdica. Está previsto também outros suportes como mapas, fotografias, materiais de arte e internet. Ao todo serão onze livros infantis de diferentes autores.

“Negro. Cabeça, tronco, membros e suas histórias” é um projeto literário que visa promover a autoestima e empoderamento entre os alunos do primeiro seguimento do Ensino Fundamental tendo como tema principal a estética negra trabalhando com títulos da literatura infantil. Para cada título o projeto prevê uma oficina literária baseada no texto lido pretendendo com isso promover o gosto pela leitura e a fixação da história lida de forma que o aluno interaja e elabore os temas de cada livro.

Música:

África

(Sandra Peres e Paulo Tatiti)

Quem não sabe onde é o Sudão
 Saberá
 A Nigéria o Gabão
 Ruanda
 Quem não sabe onde fica o Senegal,
 A Tanzânia e a Namíbia,
 Guiné Bissau?
 Todo povo do Japão
 Saberá
 De onde vem o
 Leão de Judá
 Alemanha e Canadá
 Saberão
 Toda gente da Bahia
 Sabe já
 De onde vem a melodia
 Do ijexá
 O sol nasce todo dia
 Vem de lá

Entre o Oriente e o Ocidente
 Onde fica?
 África fica no meio do mapa do mundo do atlas da vida
 Áfricas ficam na África que fica lá e aqui
 África ficará
 Basta atravessar o mar para chegar
 Onde cresce o Baobá
 Pra saber
 Da floresta de Oxalá
 E malê
 Do deserto de Alah
 Do ilê
 Banto mulçumananagô yorubá

Dividimos a temática do projeto em cabeça tronco e membros a fim de explorarmos com títulos literários cada aspecto do corpo negro de forma positiva desconstruindo todo o peso histórico já citados neste texto.

Ao trabalharmos com a “cabeça”, estaremos visando a estética do cabelo negro estimulando os discentes a enxergar beleza onde antes só se via o feio.

O cabelo negro sempre teve empregado a ele adjetivos como, duro, ruim, sujo...

Ao escolher os títulos a serem trabalhados nesta primeira fase do projeto, tivemos todo o cuidado em estudar não somente o texto, mas também as ilustrações, pois a imagem do cabelo negro, ao nosso ver e baseado em próprias experiências, é sempre muito atacado e é o primeiro a ser modificado com o intuito de melhor ser encaixar numa sociedade que nega de todas as formas suas origens. Por outro lado o cabelo tem sido ao longo dos anos um instrumento de luta e resistência para os negros. Angela Davis na década de 60 não abriu mão de sua cabeleira black power para romper com a ditadura da estética branca dos cabelos alisados.

Destacamos nesta fase um título em especial, Chico Juba. O livro infantil fala do cabelo masculino tema pouco discutido nas salas de aula e que é tratado no título em questão com bom humor e uma dose de fantasia.

Serão os livros:

Chico Juba.

Autor: Gustavo Gaivota

Ilustrado por: Rubem Filho

História de um menino cabeludo que durante algum tempo não aceita seu cabelo e por isso tenta por meio de seus inventos alguma maneira de mudar seu cabelo. Depois de

algum tempo e experiências desastrosas Chico Juba resolve aceitar seu cabelo e inventar moda.

As tranças de Bintou

Autora: Sylviane A. Diouf

Ilustrado por: Shane W. Evans

Sylviane A. Diouf, estudiosa da cultura e da história da África, nos apresenta Bintou, uma menina negra que não se contenta com seus biotes no cabelo e sonha usar tranças como sua irmã mais velha. A história de Bintou encanta pela maneira cuidadosa e doce com que trata, a partir de um contexto cultural específico, um momento universal: a passagem da infância para adolescência. Charles Cosac

O cabelo de Lelê

Autora: Valéria Belém

Ilustrado por: Adriana Mendonça

Lelê não gosta do que vê.

- De onde vem tantos cachinhos?, Ela vive a se perguntar. E essa resposta ela encontra num livro, em que descobre sua história e a beleza da herança africana. Valéria Belém.

O mundo no black power de Tayó

Autora: Kiusam de Oliveira

Ilustrado por: Taisa Borges

Tayó é uma princesinha que chega em forma de espelho para que outras princesinhas se mirem, se reconheçam e cresçam, cumprindo a única missão que foi dada, ao virmos viver neste planeta: a de sermos felizes. Oswaldo Faustino

Para falarmos do tronco e membros, vamos trabalhar com a capoeira, luta que deu ao corpo negro status de arma na resistência ao cativo.

Ao pé da letra, capoeira quer dizer um tipo de solo com vegetação esparsa e rasteira, próprio para o replantio. Caa (mata) e poeira (já foi, não existe mais), é uma palavra de origem luso-indígena. Mas que ninguém duvide que foram negros Bantu, de Angola, que trouxeram para cá o berimbau e ensinaram capoeira para nós.

Aqui, a necessidade fez com que muitos desses valentes guerreiros percebessem que os movimentos marcadamente de pernas do N`golo – ou dança da zebra – poderiam ser utilizados como defesa contra a intolerância, os abusos dos senhores, as perseguições e os abusos dos capitães do mato.

Entre eles, também era um jeito de lutar de brincadeira ; um modo de exercitar as habilidades do corpo e da mente. (Cunha 2011)

E com brincadeiras africanas.

Ao brincar a criança elabora seus conflitos, se socializa e lança mão da realidade resignificando- as.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. RECENEI (1998, p.27).

São os livros:

O herói de Damião. Em, a descoberta da capoeira.

Autora: Iza Lotito

Ilustrado por: Paulo Ito

Damião é um moleque danado, aos sete anos decide encontrar seu verdadeiro herói. Vai dar “a volta ao mundo” e acaba descobrindo a capoeira, uma luta surpreendente que todos podem praticar.

No século XVI, os escravos inventaram uma luta baseada nas danças ritualísticas, artes marciais africanas e nos jogos lúdicos. Hoje é um esporte nacional difundindo por todo o mundo.

Junto com Damião você aprenderá a entrar na roda, tocar berimbau, dar um aú e virar você seu herói. Iza Lolito

Mestre gato e comadre onça.

Autora: Carolina Cunha

Ilustrador: Carolina Cunha

No mato só se comenta que tem uma onça muito braba, das grandes, perseguindo os bichos todos. Mas o gato é mestre da capoeiragem. E vem disposto a ensinar os camaradas como fazer dessa luta cheia de ginga uma arma contra os ataques da fera. Na roda do jogo rasteiro, de berimbau em punho, ele toca a ensinar os bichos a dar aú, meia-lua, rabo de arraia e a sair do perigo com as artimanhas que os antigos capoeiristas inventaram para defender sua liberdade. Só que a pintada é sabida. Um dia chega na capoeira jogando truque de querer aulas também.

Ensinar, todo mundo sabe que o gato ensinou a onça, e o que ia acontecendo? Mestre Pestinha

Ndule Ndule . Assim brincam as crianças africanas.

Autor: Rogério Andrade Barbosa

Ilustrado por: Edu Engel

Criança é criança em qualquer lugar. Todas gostam de correr, pular, jogar inventar, cantar e se divertir... Os irmãos Korir e Chentai pesquisam com os amigos de toda África as brincadeiras de que mais gostam. Os meninos e meninas espalhados pelo continente africano adoram brincar. Que tal aprender algumas dessas brincadeiras? Rogério Andrade Barbosa

Na fase final do projeto vamos trabalhar com lendas e costumes africanos pretendendo mostrar diversidade cultural com os títulos “Aminata, a tagarela” e “Capulana um pano estampado de histórias” e as lendas a cerca de alguns elementos da natureza tal como a chuva em “Lila e o segredo da chuva”.

São os livros:

Aminata a tagarela

Autor: Maté

Ilustrado por: Maté

“No país Bamana, a estação seca estava se despedindo. Em todos os vilarejos, as moças se apressavam em colher o algodão antes da chegada das águas. De manhãzinha, o calor já pesava, mas as mãos não paravam de encher cestos e mais cestos com flocos de nuvem”

Assim começa a história de Aminata, a tagarela, ambientada no Mali, país da África Ocidental. A menina, filha caçula do tecelão Amadu, quer saber porque não pode aprender a tecer. A resposta está nas lendas e nos provérbios do seu povo que ela vai descobrindo ao longo da jornada. Graças à avó, Nakuntê, pintora de bogolan, ela, encontra um novo talento e compreende que, no mundo Bamana, os homens tecem palavras e as mulheres pintam segredos.

Um enredo cheio de belas surpresas (como a história de Djoliba, o grande rio Níger) e um final emocionante mergulham o leitor na magia da terra do bogolan. Maté

Capulana um pano estampado de histórias

Autora: Heloisa Pires Lima e Mário Lemos

Ilustrado por: Vanina Starkoff

Quem não gosta de ganhar um presente?

Depende de quem dá o presente e de quem recebe o presente.

A menina Dandara, que mora em São Paulo, ganhou um presente muito especial de seu amigo Tulany, lá de Moçambique. È uma capulana, pano típico dos povos afrinaos. Quer conhecer o passado desse presente?

Então acompanhe a história de uma amizade verdadeira que atravessa o oceano e é do tamanho deste mundo. Heloisa Pires Lima

Lila e o segredo da chuva

Autor: David Conway

Ilustrado por: Jude Daly

O sol castigou a vila em que Lila morava muitos meses. Ninguém conseguia juntar lenha, capinar o jardim ou mesmo tirar o leite da vaca. Sem chuva, o poço começou a secar e todas as plantações se perderam. Lila estava tão preocupada que, quando seu avô contou para ela, bem baixinho, sobre o segredo da chuva, ela saiu correndo para falar diretamente com o céu. O que será que aconteceu? Marcelo Jordão

Nina África

Autora: Lenice gomes, Arlene Holanda e Clayson Gomes

Ilustrado por: Maurício Veneza

[...] Essas histórias se passam quando a África ainda era uma imensa floresta e homens e animais viviam em harmonia. Nessas histórias, está o segredo da memória, as histórias dos antigos e a fonte de toda sabedoria. Lenice Gomes

3. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

1ª SEMANA

Incentivação inicial:

Música: África

Para ouvir e dançar

Os alunos poderão ouvir a música, cantar e dançar em movimentos livres.

Recomenda-se um espaço aberto para essa atividade.

Depois da música os alunos serão convidados a um bate papo sobre o que ouviram.

O docente deverá conduzir o bate papo com as seguintes palavras chave: Mapa, África e Baobá.

Em seguida o mapa do continente africano deverá ser exposto e os alunos deverão tentar localizar no mapa os lugares citados na canção.

Logo após esta atividade os alunos serão convidados a pesquisar a palavra baobá e imagens de povos do continente africano. Ilustrar o resultado da busca.

A oficina de desenhos tem por objetivo introduzir o caráter das atividades que irão ser desenvolvidas durante o projeto. Ao entrar em contato com imagens que mostram as características físicas dos habitantes dos países africanos, espera-se que os alunos identifiquem semelhanças entre as pessoas com quem eles mantêm contato cotidianamente. Quanto ao baobá o objetivo da busca será por o aluno em contato com esse elemento tão imponente do continente africano ressaltando sua beleza e importância.

É importante ressaltar que durante o desenvolvimento do projeto não se fará verbalmente correlação dos títulos lidos com o continente africano deixando todas as atividades na subjetividade para que os alunos participantes possam fazer suas próprias inferências.

Leitura:

Chico Juba

Após a leitura os alunos assistirão a uma exibição de fotos de homens e meninos que possuem o cabelo parecido com o personagem central da história e iniciarão uma busca pela escola por alunos que também tenham o cabelo parecido.

Caso esse aluno exista na escola, colher dados como nome idade e fazer uma foto ou ilustração desta pessoa.

Na possibilidade de não haver tal pessoa na escola, questionar o por que dos meninos não optarem pelo cabelo grande.

Nota: O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos reflitam sobre as opções de os meninos usarem ou não o cabelo grande.

2ª SEMANA

Leitura:

As tranças de Bintou

Oficina

Criar bonecas de cartolina e como recurso de lã e miçanga fazer os peteados dessas bonecas.

Degustação:

Servir os alunos o que seria uma adaptação de um prato tipicamente senegalês; arroz acompanhado de peixe e os legumes mandioca, cenoura e berinjela fazendo uma alusão á festa de batismo do irmão da personagem central do livro.

Essa comida deve ser servida em uma tigela única a ser compartilhada pelos alunos que deverão comer com a mão direita sem o uso de talher. *Pesquisa: www.afreaka.com.br/notas/thieboudienn

Nota: Pelo fato da autora não identificar em que país da África se passa a história, optamos por trabalhar com o país de origem dos pais da mesma, o Senegal.

3ª SEMANA

Leitura:

O cabelo de Lelê

Oficina

Salão de beleza

Promover uma seção de penteados com as inspiração das ilustrações das páginas 16 e 17 do livro.

Nota: 1) Como o tema dos aspectos do cabelo do menino já terão sido trabalhados, os meninos participantes deste projeto também deverão ser convidados a participar deste dia de salão.

2) Seria interessante convidar um profissional da área para que esta atividade se torne mais atrativa para os alunos e garantia de um resultado de qualidade.

4ª SEMANA

Leitura:

O mundo no black power de Tayó

Oficina

Recorte e cole

Com papéis coloridos tesoura e cola criar “black powers” e enfeites de laços e todo o tipo de elementos da natureza para que sejam encaixados em desenhos de silhuetas de cabeças onde depois possa se criar os rostos de meninos ou meninas conforme a preferencia de cada aluno. Depois de pronta, esta figura deverá ter nome e uma história de vida criada pelos alunos. Tudo devidamente registrado em ½ folha de papel ofício.

5ª SEMANA

Leitura:

O herói de Damião em A descoberta da capoeira

Oficina

Pintura com guache

Em ¼ de cartolina o aluno deverá registrar o golpe de capoeira que lhe pareceu mais interessante

Hoje tem capoeira

Os alunos deverão ser convidados a executar os golpes de capoeira ensinados passo a passo no livro com ilustrações e dica para execução.

Nota: Seria interessante a intervenção de um capoeirista para essa oficina. Enriqueceria muito e daria legitimidade ao trabalho.

6ª SEMANA

Leitura:

Mestre gato e comadre onça

Oficina

Recorte e cole

Ao som do CD com músicas de capoeira que acompanha o livro, com barbante, color set tesoura e cola, os alunos deverão recriar os instrumentos musicais usados na capoeira mostrados nas ilustrações do livro.

7ª SEMANA

Leitura:

Ndule Ndule Assim brincam as crianças africanas

Oficina

Em espaço aberto reproduzir as brincadeiras ensinadas no livro

Os alunos deverão Ilustrar com giz de cera em folha de ofício a brincadeira que mais gostou de participar.

8ª SEMANA

Leitura:

Aminata, a tagarela

Oficina

Pintura com guache em tecido TNT como alusão ao trabalho de Aminata.

Nota: cada criança receberá um metro de TNT e será estimulada a criar desenhos que possam remeter às suas experiências de vida assim como foi Aminata estimulada por sua avó.

9ª SEMANA

Leitura:

Capulana. Um pano estampado de histórias

Oficina

Amarrações utilizando o material produzido na semana anterior.

Turbantaço com lenços e tecidos apropriados.

Nota: 1) Cada aluno antes de iniciar a oficina presenteará um amigo com o tecido que pintou.

2) Seria interessante e enriquecedor a presença de alguém que saiba fazer as amarrações e falar um pouco sobre elas.

10ª SEMANA

Leitura:

Lila e o segredo da Chuva

Oficina

Rasaboxe²

Os alunos participantes deste projeto deverão ser convidados a uma experiência onde se irá trabalhar com as emoções.

Em que consiste o rasaboxe

O rasaboxe é um exercício performático para trabalhar as emoções através da respiração criado pelo professor norte americano de estudos performáticos Schechner depois de ter contato com o texto indiano sobre performance “Natyastra”.

Como funciona: é desenhado no chão um grande quadrado com subdivisões em em suas bordas contendo em cada subdivisão o nome de uma emoção. Os participante deverão caminhar em volta deste quadrado aguardando a ordem de parar e entrar dentro da subdivisão do quadrado que contém a emoção escrita. A partir daí ele deverá evocar a emoção escrita onde ele se encontra controlando sua intensidade através da respiração. Encerra-se ao comando do monitor para então recomeçar a andar. Isso acontece até que todos experimentem o máximo de emoções possíveis.

Nota: 1) Esta atividade é bastante complexa mas passível de ser aplicada em crianças. Pode se adaptar criando outras forma de se acessar os sentimentos dos participante. Esse exercício trabalhará os sentimentos dos alunos e poderá ser usado para despertar empatia. Na história, Lila precisou evocar as emoções do céu para que ele se condoesse de seu povo e voltasse a chover.

2) Esta atividade já é por nós trabalhada devido às experiências no campo da contação de histórias.

3) Poderá ser facilmente substituída pela pergunta feita aos alunos: “o que te faria chorar?”

11ª SEMANA

Leitura:

Furos no céu in Nina África

² www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1797

Oficina

Pintura de um céu estrelado

Os alunos serão convidados a fazer um painel onde se configure um céu estrelado usando cartolina carvão e glitter prateado.

Culminância

Com o auxílio de um espelho os alunos farão um auto retrato observando o que teriam de incomum com seus familiares mais próximos ou não, colegas de turma, funcionários e professores de sua escola.

Todos os autorretrato farão uma composição de forma a servir de moldura para um mural que será composto pelos trabalhos produzidos ao longo do projeto . Este mural deverá ser montado ao som da música inicial “África”. Depois os alunos irão verificar nestas artes os lugares visitados através das histórias ouvidas e identificá-las no mapa do continente africano.

Nota Final: Ao ler/contar as histórias o professor deverá ter o feeling para conduzir a leitura fazendo observações às peculiaridades de cada título. Isso será de suma importância par o contexto do trabalho já que este projeto prima pela subjetividade.

Cada título escolhido para este trabalho trará um conceito a ser observado. O que contribuirá para que o aluno ao final possa ser capaz de perceber o seu lugar em tudo que foi visto, ouvido e sentido.

O resultado esperado é que o aluno negro ou não perceba as belezas oriundas do continente africano em sua totalidade. Seja essa beleza presente nas cabeças.

Nos troncos e membros.

Em suas histórias.

Previsão de material a ser usado neste projeto:

Onze livros da literatura infantil já citados neste projeto

CD Intitulado Pé com Pé do grupo Palavra cantada

Tinta guache

Pinceis

Giz de cera

Lã preta

Miçangas

Cartolina

Papelaria: Filipinho, cartolina, color set, folhas de ofício.

Cola

Tesoura

Barbante

Lápis de cor

Glitter

Carvão

Para o degustação: Arroz , mandioca, cenoura, peixe e berinjela

Referências bibliográficas

Belém, Valéria. O cabelo de Lelê. 1º ed., São Paulo, Ed.ABDR,, 2012.

Barbosa, Rogério Andrade. Ndule Ndule assim brincam as crianças africanas. 1ºed, São Paulo, Ed. Melhoramentos.2011.

Candido, Antônio. “A literatura e a formação do homem”. In: _____. Textos de intervenção. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. Pp.77-92.

BRASIL. Presidência da Republica. Lei n. 10639, de9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, queestabelece as deiretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro – Brasileira”, e dá outros providencias. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccvl_o3/lus/2003/L10639.htn.Acesso em 3 out.

_____. Portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol.1.pdf

_____. portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf

_____. Ministério da Educaçõa / Secad. 2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Disponível em. <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em 6 dez.de2015. Claro, Regina.Olhar a África Fontes visuais para sala de aula. 1ªed. São Paulo, Ed.Hedra educação.2012,p 84,85,105 e 117.

Conway. David. Lila e o segredo da chuva. Tradução: Marcelo Jordão. 1ºed., São Paulo, Ed.Biruta.2010.

Corso, Diana Lichtenstein e Corso, Mário. Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis. 3ªed.,Porto Alegre,Ed.Artmed. 2006,p. 303.

Cunha. Carolina. Mestre Gato e comadre Onça.1ºed., São Paulo, Ed.SM. 2011.

Diouf, Sylviane A..As tranças de Bintou.Traduçaõ: Carlos Cosac. 2ªed., São Paulo, Ed.Cosac Naify.2010.

Gaivota, Gustavo. Chico Juba. 1ªed., Belo Horizonte. Ed. Mazza Edições. 2014.

Gomes, Lenice. Holanda, Arlene. Gomes, Clayson. Furos no céu. In:_____. Nina Áfriaca.2ªed., São Paulo, Ed. Elemnetar, 2010, p5-10.

_____”O direito á Literatura”. In: Lima, Aldo de (org.). O direito á Literatura. Recife: UFPE, 2012. Pp. 68-80.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: [chttp://www.ilge.gov.br](http://www.ilge.gov.br)>Acesso em: 4 de jan. 2017.

Lima, heloisa Pires e Lemos Mário. Capulana. Um pano estampado de histórias. 1ºed.,São Paulo, Ed. Scipione, 2014.

Lolito, Iza. O herói de Damião em A descoberta da capoeira. 1ºed., São Paulo, Ed.Girafinha. 2006.

Maté. Aminata, a tagarela. 1ªed., Rio de Janeiro. Ed.Escarlate. 2015.

Oliveira, Kiusam de. O mundo no Black Power de Tayó. 1ª ed., São Paulo, Ed.Peirópolis.2013.

Stes:

www.afrika.com.br/notas/thieboudienne

www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1797

www.ufjf.br/noticias/2016/11/21/grupo.de.pesquisa-propoe-novas-perspectivas-sobre-a-africa-por-meio-da-historia/ In:faceboock

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

Flávia da Silva Nascimento

PORTFÓLIO

Juiz de Fora - MG

2016

FLÁVIA DA SILVA NASCIMENTO**PORTFÓLIO**

Trabalho apresentado como requisito para a aprovação na disciplina de Seminário, ministrada pela Prof.^a Ms. Daiana Lucas Vieira, no curso de Especialização em História da África, oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora - MG

2016

Memorial de Flavia Nascimento

Vinte e oito de junho de mil novecentos e setenta e três. Nasci. Nasci negra. Segunda em uma prole de cinco filhos. Mãe do lar, pai metalúrgico, família simples mesmo. Costumo pensar que era uma manhã bem fria e nublada de inverno. E cresci. Menina esquisita que falava sozinha, enjeitada.

Logo, aos três anos de idade fui levada à escola pra ver se largava de ser esquisita. Eram tempos difíceis para uma menina negra em uma escola particular. Então, tão logo tomei consciência de mim mesma resolvi mudar, reinventar quem eu era e fiquei branca. Branca de boas maneiras que não gritava nunca nem se sujava na terra do quintal (só de vez em quando). Me vi preocupada com os elogios excessivos aos dentes de minha irmã mais velha, isso porque já havia lido que bons escravos eram aqueles que possuíam dentes alvos e alinhados, daí, passei a entortar meus dentes com o poder da mente. Fiz um excelente trabalho, são bem tortos até hoje.

Eu lia. Lia muito desde muito cedo. Aos dez anos já conhecia Drummond e Fernando Sabino, mas era muda, às vezes achava mesmo que era até invisível. E mesmo sendo muda e invisível, gostava da escola de certa forma, mas esta me foi tirada não sei bem o porquê até hoje. Então, voltei a ser esquisita (acho que nunca deixei de ser). Era mesmo muito diferente de meus irmãos, era branca. Lia livros de brancos, ouvia músicas de brancos e insistia em me vestir como uma branca se vestiria.

Vinte e oito de junho de mil novecentos e setenta e três. Nasci. Nasci negra. Segunda em uma prole de cinco filhos. Mãe do lar, pai metalúrgico, família simples mesmo. Costumo pensar que era uma manhã bem fria e nublada de inverno. E cresci. Menina esquisita que falava sozinha, enjeitada.

Logo, aos três anos de idade fui levada à escola pra ver se largava de ser esquisita. Eram tempos difíceis para uma menina negra em uma escola particular. Então, tão logo tomei consciência de mim mesma resolvi mudar, reinventar quem eu era e fiquei branca. Branca de boas maneiras que não gritava nunca nem se sujava na terra do quintal (só de vez em quando).

Me vi preocupada com os elogios excecivos aos dentes de minha irmã mais velha, isso porque já havia lido que bons escravos eram aqueles que possuíam dentes alvos e alinhados, daí, passei a entortar meus dentes com o poder da mente. Fiz um excelente trabalho, são bem tortos até hoje.

Eu lia. Lia muito desde muito cedo. Aos dez anos já conhecia Drummont e Fernando Sabino, mas era muda, às vezes achava mesmo que era até invisível. E mesmo sendo muda e invisível, gostava da escola de certa forma, mas esta me foi tirada não sei bem o porquê até hoje. Então, voltei a ser esquisita (acho que nunca deixei de ser). Era mesmo muito diferente de meus irmãos, era branca. Lia livros de brancos, ouvia músicas de brancos e insistia em me vestir como uma branca se vestiria.



[...] “Tinha as pernas moles e os joelhos sempre machucados, feridos, esfolados. De tanto que caía.
Caía à toa. Caía nos degraus. Caía no lajão do terreiro. Chorava, importunava. “-levanta, moleirona.”
Minhas pernas moles desajudavam. Gritava, gemia.
De dentro a casa respondia:
“- Levanta, pandorga.”[...] (Cora Coralina)

Aos quatorze anos tive minha carteira de trabalho assinada, “assistente de costura”, dizia lá na carteira. Na fábrica fui aprendendo tudinho muito rápido, eu era esperta, sabida. Sabia mais que todo mundo, era branca! Me matriculei em uma escola á noite e voltei a estudar.

Na escola pública deixei de ser muda, parecia ter tomado uma das pilulas que fez a boneca de macela falar. Estava finalmente entre os meus. Quanto à família, continuava ser a esquisita, mas agora uma esquisita forte, senhora de seus passos... mudei até de religião! Partencente a uma família tradicionalmente Católica, resolvi me tornar Espírita. Religião, também de branco.

Aos dezesseis já havia lido “Grande Sertão Veredas” e era uma profunda entendedora das obras de Guimarães Rosa. Ao menos era o que eu dizia a todos e todos acreditavam.

Foram tempos difíceis aqueles da adolescência. Não queria mais ser branca. Queria ser eu, mas eu não era negra, eu era eu e pronto! E me vi no limbo. Amigos brancos de classe social mais favorecida, família negra, colegas de trabalho menos sabidos que eu e os colegas da escola, que eram MENINOS, todos eles. Eu era esperta demais pra ficar andando com garotinhas adolescentes que ridiculamente só pensavam em namorar. Acho que foi aí que me tornei um menino. Pequena, mas muito brava, sempre fazia valer minhas vontades. Nada me amedrontava ou me cerciava, ia e vinha onde bem entendia. Lá no fundo, eu bem que gostava daquele garoto super popular, mas isso, não admitia nem pra mim mesma. Costumava dizer que em uma escala de zero à dez em sencibilidade (coisas de menina), eu era menos um.

Entendia muito de política, por isso estava sempre metida entre os professores discutindo os rumos do país que engatinhava em um novo regime. Aos poucos percebi que não importava mais se eu realmente sabia algo sobre determinado assunto, minha firmeza com as palavras e alta confiança faziam com que qualquer um acreditasse nos meu discurso, embora na maioria das vezes eu só me fazia de entendida. Terminei o ensino médio sem um arranhão em minha imagem de menino valente e de aluna intelectual em nível avançado.

Resolvi que queria ensinar meninas negras como eu a passarem de mudas e invisíveis para sabidas e falantes. Eram os anos noventa. Me matriculei em um curso de Magistério. Era realmente muito aplicada, mas aquela altura já estava cansada de empunhar meu escudo e minha lança, foi então que sem perceber me casei e tive filhos, dois lindos filhos. Tempos muito difíceis... Quando voltei a ser eu mesma, aquela, que não era mais branca mas que também não era negra, já tinha meus trinta anos e um casamento desfeito. Fui lecionar em escolas particulares, então não encontrei as tais meninas negras que queria tanto ajudar. Mas, a bem da verdade, naquele momento era eu quem estava precisando de ajuda, então, fui fazer análise.

Passei em um concurso público e agora era uma professora de escola municipal. Por um motivo que eu não compreendia, não conseguia fazer com que as alunas me ouvissem do

jeito que eu queria. Logo me vi novamente em uma mesa de estudos ladeada de textos, teses e artigos. Estava eu agora finalmente na faculdade. Comecei a trabalhar com literatura e logo, me vi uma contadora de histórias.

As histórias foram entrando pelos olhos, mente, ouvidos e boca e logo chegaram até meu coração e ao me debruçar nos estudos sobre esta arte descobri o “Griot”. Esta ali a primeira pista de quem eu era de fato. E como no começo desta história, resolvi mudar... Agora era finalmente NEGRA.

“Tenho uma pergunta: Qual é o porque de tantas pessoas passarem Guanidina, alizantes, ou qualquer outra coisa que não deixe o seu cabelo natural?”

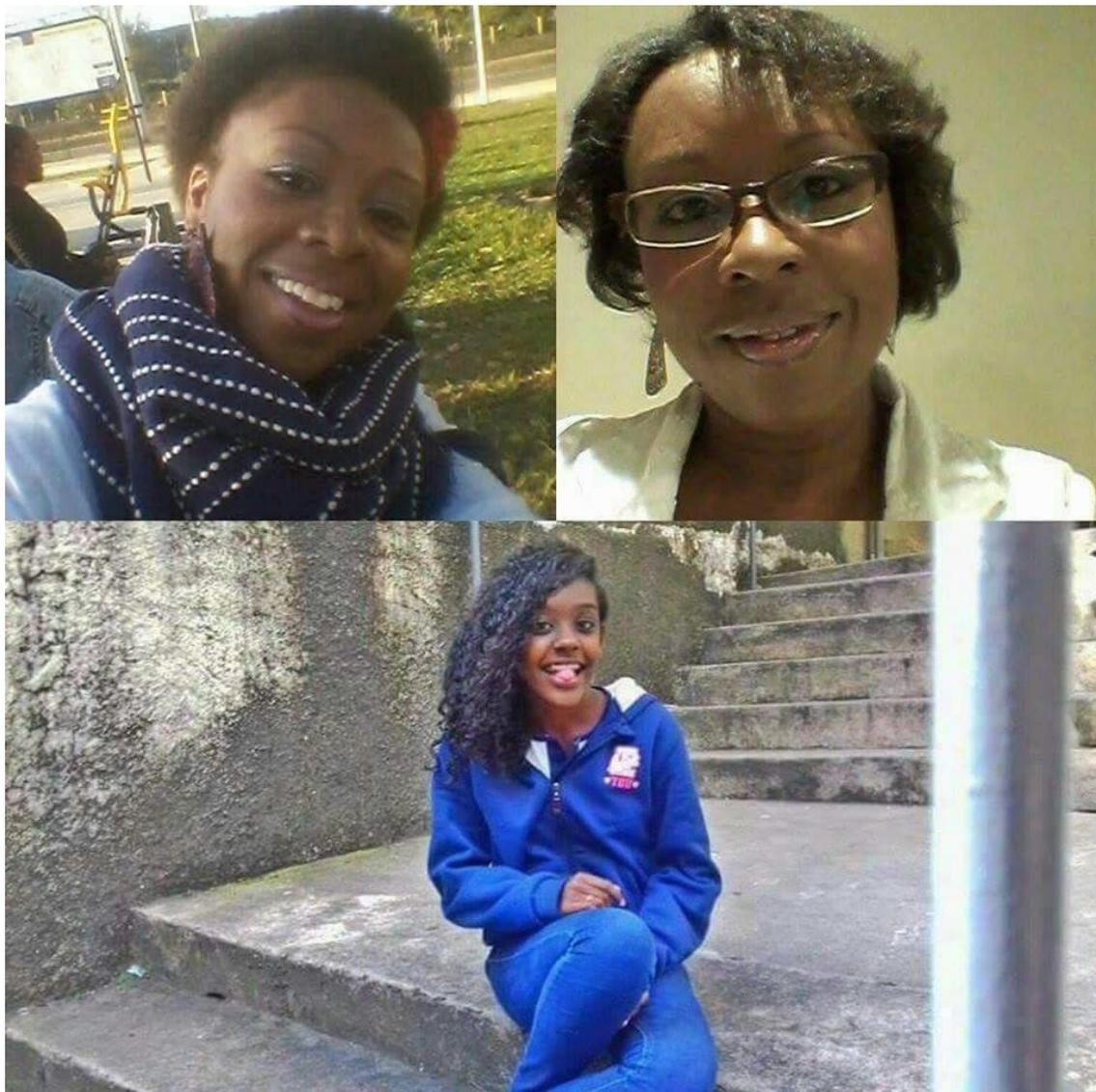
Nada contra pessoas que usam..., mas por que não deixar o cabelo natural Acho muito injusto essas pessoas que falam: “Nossa, o seu cabelo está muito cheio! O seu cabelo é ruim! Por que não alisa?”

Cara, sabe o que eu acho? Eu acho que não devemos escutar ninguém e seguir nossa vontade. Se você se acha bonita de cabelo cacheado, crespo, liso, trançado, ou qualquer jeito, não importa. O que importa é você se achar linda do jeito que você é.

Eu já escutei muito as pessoas falando “alisa ele, vai ficar mais bonito” Sabe minha resposta? NÃO! Não vou alisar, não vou tirar o volume, pelo contrário, vou deixar com um volumão mesmo e se reclamar boto mais volume. Não estou aqui para julgar ninguém, nem as crespas nem as cacheadas, nem as lisas, só quero deixar claro para as pessoas que não se acham bonitas com o cabelo que têm e que querem passar qualquer porcaria em seu black (como diz minha tia Flávia Nascimento que sou muito inspirada nela), meu sonho é cachear. Obrigada tia por me ensinar que devemos aceitar o jeito que nós somos.”

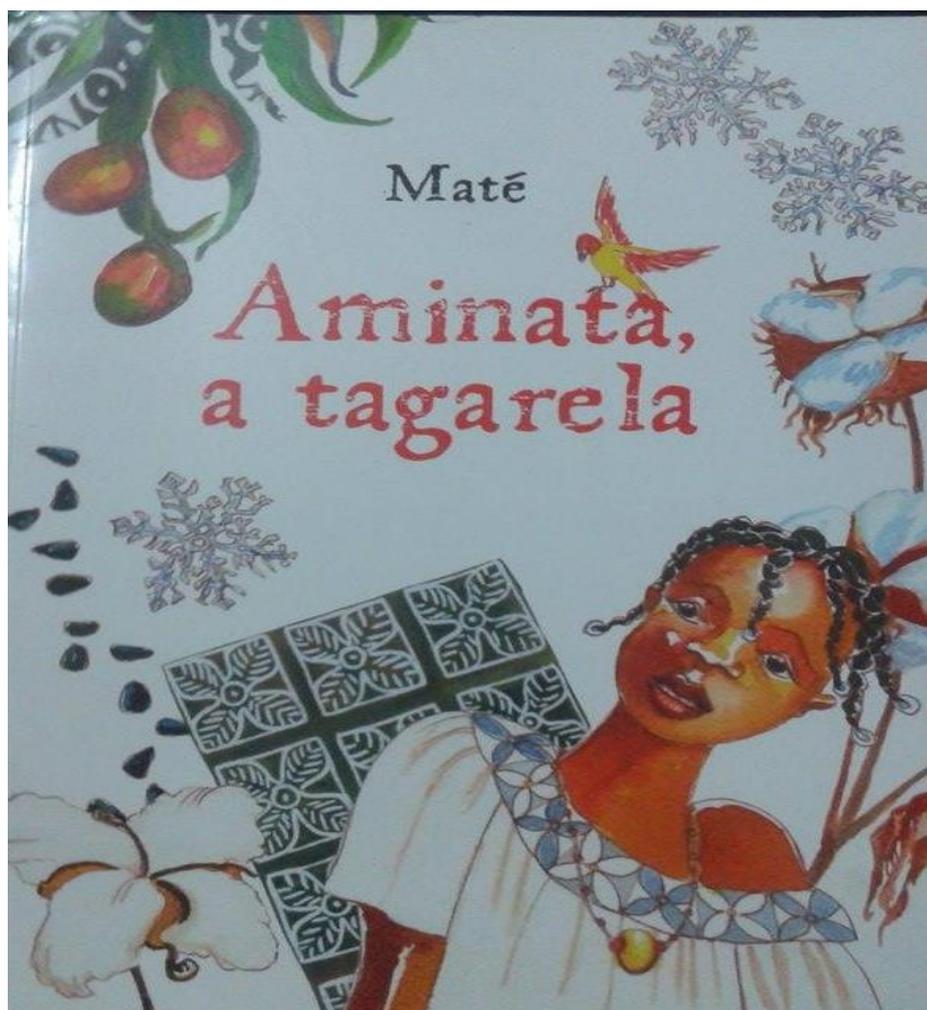
Ludmila Basilio.

O Texto acima foi publicado na rede social FACEBOOK por minha sobrinha Ludmila Basilio de doze anos de idade.



“Tornar-me negra foi um processo para mim e agora estou muito feliz com isso. Assim que pisar em lagos me esquecerei da raça.” (Chimamanda Ngozi Adichie). Meu trabalho como professora negra começou no momento em que de fato comecei a descobrir meu lugar no mundo.

Me descobri nas histórias que contava e através destas fui conhecendo pessoas que somavam na ceara de meu descobrir. Quis ser melhor no que fazia (contadora de histórias) e procurei a pós-graduação em Psicologia-Desenvolvimento Humano. Aprendi a legitimar meu trabalho através do véu da psique humana, mas ainda não era isso. Minhas histórias gritavam dentro de mim fazendo com que minha busca não parasse.



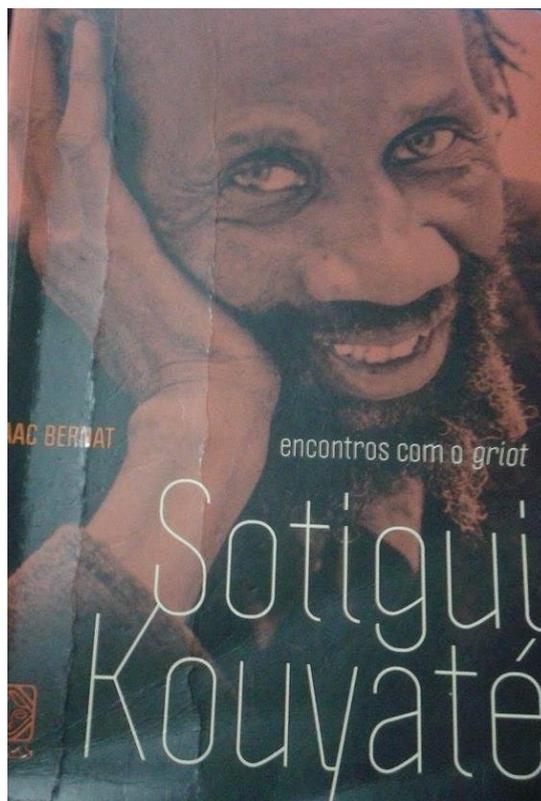
“Uns sabem e não acreditam”.
 Esses não chegam nunca a ver.
 Outros não sabem e acreditam.
 Esses não veem mais que um cego.”
 Proverbio Tizangara

Definição de um Griot

[...] “Podemos nos perguntar se essa expressão designando os músicos, cantores, saltimbancos, trovadores dos aposentos dos príncipes e grandes do Senegal não vem ela também do negro-português”. Ela viria neste caso do verbo “criar”, ensinar, educar e instruir de onde viria também o título de “criador”, provedor, patrão. O “criado” seria aquele que foi alimentado, ensinado, educado e que vive na casa do patrão, no sentido doméstico, como dependente, protegido e favorito [...] (Labouret, 1959, p.56-57).

Em quanto isso, em minhas salas de aula falava de uma África bonita e fraterna, África de reis e rainhas uma África “gloriosa”. Passei de branca a veemente defensora de uma democracia racial. Então, em meu discurso estava a África dos sonhos e um Brasil democrático, racialmente falando. Mas quando saímos em busca de nós mesmos não paramos nunca, a estrada nos inquieta, passamos a ver tudo com um ponto de interrogação. E foi observando e questionando meu próprio discurso é que me dispus a sair da África gloriosa e seguir as migalhas até os navios negreiros.

Mas ainda que minhas afirmações a cerca do continente africano fossem equivocadas, minha postura de mulher, mãe, professora negra, agora era legítima, e por isso conseguia suscitar em “minha meninas” uma identificação verdadeira.



Representatividade importa

Fatos e fotos

Trabalho em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora, Olinda de Pula Magalhães. A escola, uma vez por ano elege um tema para ser trabalhado e em 2013 o tema foi conto de fadas.

Lembro-me de que todos os espaços foram tomados por figuras e princesas saídos dos contos de fadas. Dentro os murais estava um grande pôster do longa metragem “A princesa e o sapo”.

É imperativo dizer que conheço as discursões a respeito desse filme da Disney onde se questiona a veracidade desta representatividade. “A princesa é negra mas passa a maior parte do tempo como sapo.” mas acontece que para meninas negras de periferia o fato de existir um conto de fadas cuja princesa é negra, é sim, algo muito significativo. Pois bem, lá

estava o mural, e vi todas aquelas meninas encantadas com o que viam. Não demorou muito e começaram a dizer que a professora Flávia era a princesa do mural.

Representatividade!





As alunas do quarto ano me procuraram para dizer que haviam encontrado um batom igual ao meu.



Seguindo as migalhas até o navio negroiro. Parte I

A leitura sempre foi pra mim uma grande aliada, passei a procurar autores que me contasse um pouco das histórias do continente africano do ponto de vista africano. Neste processo encontrei Chimamanda Ngozi Adichie e Mia Couto. Encontrei também a brasileira Ana Maria Gonsalves, e foi em seu romance, “Um defeito de cor” quem minhas inquietações tornaram-se mais agudas.

Por que a escola nunca me contou sobre a revolta dos Maleses? Por que Luísa Mahin nunca foi mencionada nos livros de história nos quais estudei? Por que nunca foi reconhecida como uma heroína? E Luiz Gama, onde estava escrita sua história?

[...] “Eu tentava imaginar outras coisas para esquecer a vontade de fazer xixi, até que a Taiwo reclamou novamente e a Tanisha disse à minha vó que teria que fazer ali mesmo, deitada, como provavelmente

todos faríamos quando desse vontade, sem que houvesse terra para jogar por cima . A minha vó então rasgou um pedaço de roupa e deu à Taiwo, para que se enxugasse depois, tomando cuidado para o xixi não escorrer e molhar a cabeça do homem que estava deitado aos seus pés. O homem não reclamou e nem se mexeu, então eu disse que queria fazer também. Estava acostumada a fazer xixi em qualquer lugar, até mesmo no meio da rua , mas fechada naquele porão era muito difícil. Principalmente por saber que, ao ouvir o barulho ou sentir o cheiro, alguém mais poderia ficar com vontade e fazer também, aumentando o ranço daquele lugar. Tive nojo quando peguei o pano já molhado com o xixi da Taiwo e quis desistir, mas não consegui segurar. Senti o xixi escorrendo por entre as pernas e apertei o máximo que pude uma contra a outra, para que não escorresse muito longe e não molhasse mais o meu vestido que ainda estava úmido da água do mar. O tumbeiro apitou mais uma vez e pareceu ganhar velocidade, e eu só pensava na hora em que nos deixariam sair dali para tomar ar fresco”[...] Um defeito de cor. pg 45

E eis que surge a pós-graduação “História da África”

Logo nos primeiros módulos pude compreender a importância da postura de se desconstruir o olhar eurocêntrico sobre a História. Os professores Marcos e Fernanda nos trouxeram questões sobre o embranquecimento das figuras cristãs, a consolidação do racismo, a desqualificação do homem negro baseada em “provas biológicas”, a colonização...

A cada aula, uma descoberta, um insight, um reconhecimento.

Algo de muito significativo aconteceu no módulo Memória, identidade e cultura escolar, ministrado pela professora Sônia Regina Miranda. Pude de fato questionar minhas práticas profissionais.

Minhas salas de aula tornaram-se pequenas e desconfortáveis para se trabalhar. Passei a enxergar nos anos iniciais as mesmas necessidades das turmas de educação infantil.



Visita ao Museu de Memória da Maré

De fato, um modelo europeu de uma escola inventada no século XIX não pode mais ser reverberado. Ou a escola se modifica ou deixará de fazer qualquer sentido para quem a frequenta.



Me encontrar na história do outro, quando esse outro vive tão distante foi uma experiência impactante.

...E o Saara se materializa em sala de aula

A escola, a televisão e o cinema nos ensinaram a enxergar o Saara como um lugar hostil, improdutivo e fatal para a vida humana, mas, eis que surge no módulo “Expressões musicais no continente africano” com o professor Mahfouz Ag Adname, um autentico tamachek oriundo do Mali e nos conta de um Saara vivo, funcional e produtivo. Nos mostra que há musica, beleza e um lado islâmico que nós, os ocidentais desconhecíamos. Ah as maravilhas que esta pós-graduação nos proporciona!



Seguindo as migalhas até os navios negreiros. Parte II

No módulo “Tráfico de escravizados”, ministrado pela professora Vanicléia dos Santos, pude consolidar meus argumentos a favor das cotas, dos motivos da desigualdade sócio racial e tantos outros que aos olhos alheios à História não eurocêntrica soam apenas como “mais um mi mi mi”

Foram apresentados neste módulo, números constrangedores que ao se converter em pessoas deram a dimensão do impacto da escravidão em nossas vidas ainda hoje.

Entre um módulo e outro, fomos levados a conhecer o caminho trilhado para que a lei 10639/03 fosse implementada, o processo de islamização da África, dentre outros temas. E

em meio a tantas descobertas pude perceber que nós, pós-graduandos, fomos nos descobrindo como um grupo, e não demorou para que as interações extrapolassem a sala de aula.





O processo de autodescoberta continua, como também continua a busca por uma postura profissional que contemple a aproximar meu discurso de minhas práticas, mas a verdade é que agora não caminho sozinha. A pós-graduação História da África vem me proporcionando bem mais que uma base teórica para construir um trabalho legítimo, ela também me deu amigos, parceiros de sonhos e representatividade.



Por uma escola mais negra.

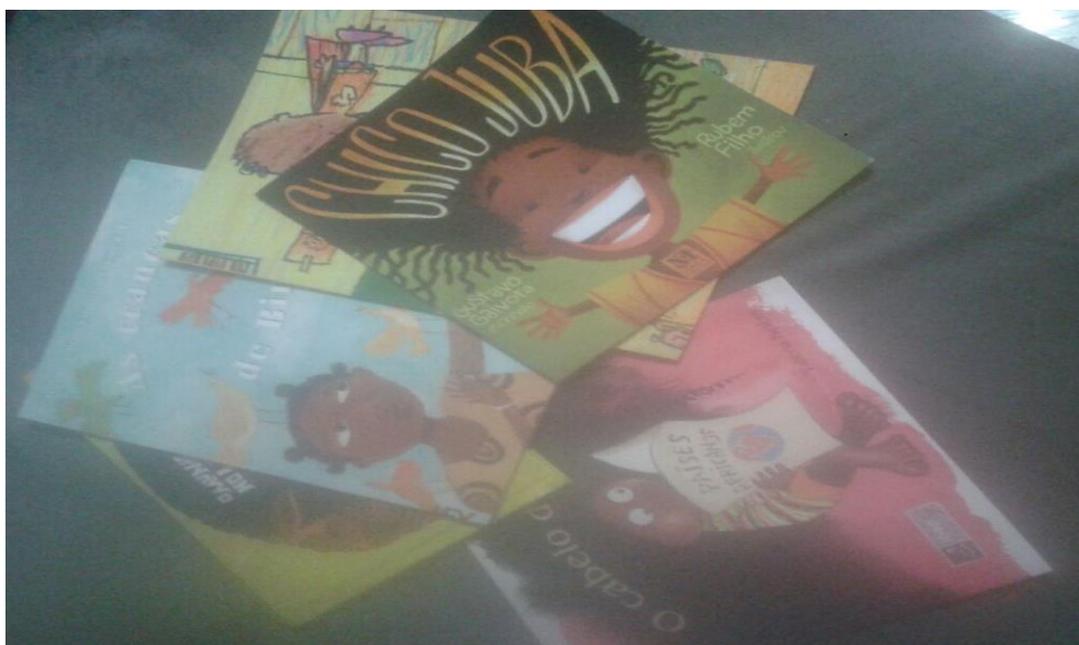
Minhas turmas se tornaram negras, ao menos é assim que eu as enxergo agora. Em minhas práticas, pra qualquer direção que eu aponte, lá está a África, lá está o Brasil negro. Nas últimas semanas trabalhei com as temáticas que abrangem os direitos humanos. O direito de ir e vir, igualdade e respeito entre povos, religiões... Não foi difícil pegar um caminho até a necessidade de políticas públicas que assegurassem esses direitos.

Vi admirada minhas turmas de crianças de nove a dez anos compreenderem todo o contexto sócio econômico em que estão inseridos.

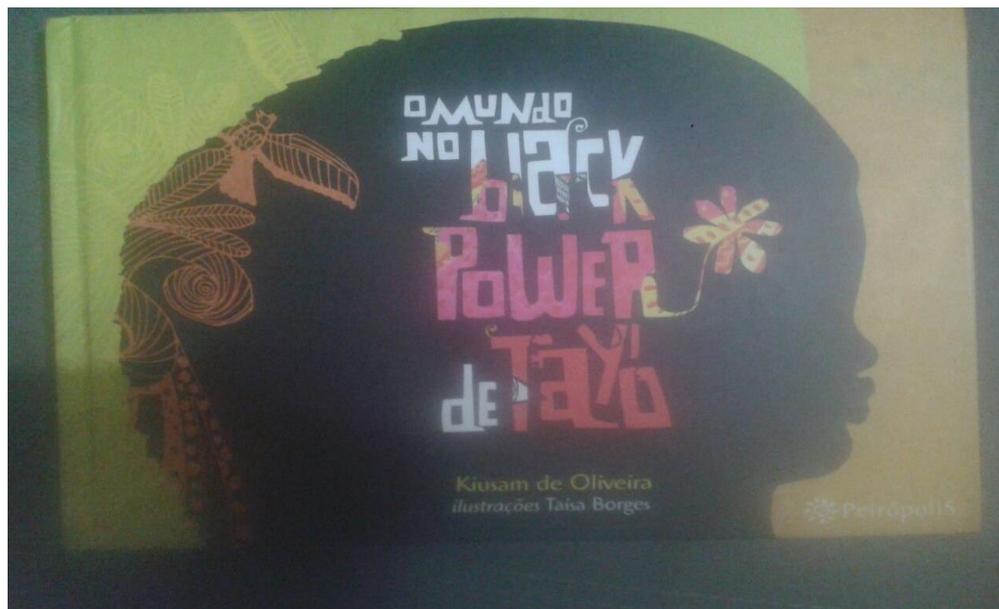
Embarcamos em um projeto muito legal que nos conduziu em uma charmosa viagem ao mundo através de lenços e echarpes. Pesquisamos a moda de alguns países de continentes diferentes e observamos onde e como os lenços estavam presentes. Quando fomos para o Continente africano pude trabalhar com os torços turbantes e seus significados. Foi uma experiência incrível. Levei um verdadeiro salão de beleza para minhas salas de aula. Ver meninos e meninas se descobrindo em suas origens e se vendo bonitos foi gratificante.

Infelizmente, para minha tristeza e de meus alunos nossos registros em imagem se foram com um click errado no celular. Mas o efeito que aquela experiência surtiu em meus pequeninos... Ah..., isso ficou para sempre.

Tenho trabalhado com a perspectiva do meu projeto para o TCC da pós-graduação intitulado: “Negro, cabeça, tronco membro e suas histórias.” Nesse projeto pretendo abordar temas como estética do cabelo e brincadeiras africanas através da literatura infantil. Tenho selecionado alguns títulos e testado com minhas turmas para ver qual seria a melhor abordagem para os temas, que tipo de oficinas e narrativa atingiria melhor o resultado esperado, enfim. E nesta busca e pesquisa meus alunos vêm experimentando saborosas histórias que lhes permitem brincar com os cabelos e com o corpo. E não demorou muito para que estas “brincadeiras” ganhassem o pátio e atingissem outras turmas de diferentes idades.



È fato que existe um movimento muito grande a cerca da estética negra que invade ruas, programas de televisão e todos os lugares que se possa imaginar, mas a vaidade me faz crer que eu, como professora, referência e formadora de opinião, entre meninos e meninas de minha querida escola, possa ter dado um pontapé inicial do que anda acontecendo por lá. Tranças, muitas tranças e blacks cultivados entre meninos e meninas com toda elegância. O pente garfo se tornou o objeto queridinho entre os meninos.



Todo esse movimento entre os alunos grandes e pequenos me fez pensar em um novo projeto sobre estética de cabelos. Pretendo fotografar cabelos de todos os tipos dentro da escola em todos os turnos e montar com essas fotos uma exposição intitulada: "... Está em nossas cabeças." Por enquanto é só uma ideia. Estou percorrendo as salas para falar a respeito e os vejo muito animados com a proposta. Penso que será muito pertinente para a semana da consciência negra falar sobre os cabelos brasileiros.



Considerações finais

Relendo minhas escritas no decorrer deste trabalho percebi que todas as atividades que passei a pensar e executar, seja em sala de aula, na contação de histórias ou voltados para a pós-graduação, giram ao redor da estética negra. Consigo trabalhar e pensar projetos com diversas temáticas sempre tendo como eixo à estética. Isso me fez refletir e buscar respostas para este meu direcionamento que até então me passava despercebido.

Pois bem, comecei essa trajetória de escritas narrando o porque e como me tornei branca. Refiz todo o caminho, sempre me lembrando de minhas posturas, trejeitos, de como me vestia, das minhas relações afetivas e familiares...

Chego ao momento em que não era preta, mas também não era mais branca. Quem eu era então?

Não me lembro muito bem por onde nem com quem andei neste período, nem de tipo de música gostava, nem o que costumava vestir. Perdi-me de minha estética.

Logo, já me vi flertando com minha negritude e dos tambores que atraíam minha alma. Livros, músicas, paixões... tudo era novo e diferente em mim. Descobri os lenços, o torço, o batom... Que diziam de fora de quem eu era por dentro.

Imersa agora nestas reflexões, agora mesmo enquanto escrevo, percebo que tudo isso sempre esteve em mim. Reparando em antigas fotos de menina, percebo a paixão pelas saias rodadas, da cobiça pelas pulseiras barulhentas das tias, de gostar de ouvir Eliana Pittman com seu carimbo... Tudo, sempre aqui dentro de mim só esperando pelo momento certo para desabrochar. Me sinto emocionada com esta descoberta. Então percebo agora, por que a estética? Por que sempre ela? Porque foi sempre o que me apontou quem eu era!

Meu cabelo, não é moda. É um ato de resistência. Minhas pulseiras não são moda. São o prenúncio de onde eu vim. Meus lenços e minhas saias rodadas avisam de longe qual minha posição no mundo.

Talvez eu me descobrisse assim mesmo sem ter me deparado com esta pós-graduação. Talvez me debruçar sobre estes estudos não tenha sido a causa, e sim o efeito de quem eu sou. O fato é que ter tido a oportunidade de me aprofundar nos estudos de África com professores tão competentes e com companheiros tão preciosos, me ajudaram muito a adornar minha existência de amor e beleza.

Somos quem somos. E somos lindos.

Salve África!



Lugar de onde certamente eu vim e que um dia pretendo voltar.

“Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado

Black Power.”

(Kiusam de Oliveira, em Omundo no black power de Tayo)